

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS-
FIEI

ALBERTO ALVARES

DA ALDEIA AO CINEMA: O ENCONTRO DA IMAGEM
COM A HISTÓRIA

Belo Horizonte/MG

2018

ALBERTO ALVARES

DA ALDEIA AO CINEMA: O ENCONTRO DA IMAGEM COM A HISTÓRIA

Trabalho de conclusão do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Licenciado com ênfase em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Maia Figueiredo

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Rocha

BeloHorizonte/MG

2018

Eu gostaria de ser para o cinema o que Sepé Tiaraju foi para os Guarani: alguém depois do qual nada mais é como antes.

JAPU'A

Kowa'e tembiapo rupi ma amboaxa ta, mba'exa pa ama'enã nhemandu'a xerekowe regua re, cinema ha'egui tekoe py. Areko kaujo ha'egui nhemandu'a xeretarã kuery regua ha'e kowa'e tembiapo ma petein arandu 'ete regua, ha'e wa'e aema yma gui we aema oeka amoinporã awã nhane ramoin kuery arandu opa awã e'yn. Tembiapo ajapo wa'ekue re aexa jewy ambopara awã kuaxia para re.

Ayvu – Rapyta : *Cinema Mbya, nhemandu'a, tekoe, kaujo.*

RESUMO

A intenção deste trabalho é traduzir sentimentos, memórias e histórias de minha trajetória de vida no cinema, partindo da aldeia. Tendo por base a memória e as narrativas de meu povo Guarani, a produção deste trabalho se concretiza como fonte de conhecimento, através das falas do líder espiritual Sr Alcindo, *Wera Tupã*, e de minhas próprias falas, analisadas no filme “*Karai ha'egui kunhã karai 'ete - Os verdadeiros líderes espirituais*”. A análise deste filme e da minha trajetória no cinema, me fez concluir que o filme é um importante instrumento para se fazer o registro do conhecimento dos mais velhos Guarani. Através da minha produção como cineasta, hoje venho demarcando a tela e guardando a memória para futuras gerações.

Palavras –chave: Cinema Guarani, memória, aldeia, histórias.

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer ao *Nhanderu*, o Deus Guarani. Segundo, agradeço aos meus filhos e a minha esposa Daiane da Cunha que me ajudaram muito nesta caminhada para concluir este desafio de escrever o trabalho de percurso. Também, agradeço aos meus irmãos que sempre me apoiaram de longe.

Aos meus pais, João Souza Alvares e Maria Mendonça (em memorial) por sempre terem acreditado em mim.

Agradeço também aos professores e bolsistas do FIEI, meus colegas de curso e todas pessoas que me apoiaram para trilhar este caminho da vida.

Agradeço também ao meu povo Guarani por acreditar em mim nesta vida. Além disso, por possibilitar guardar a memória através da escrita ou até mesmo com a lente de olhar (câmera).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CAPÍTULO I	7
2.1 PERCURSO DE VIDA	7
3. CAPÍTULO II	10
3.1 AJOJOU CINEMA REWE - ENCONTRO COM O CINEMA.....	10
4 CAPÍTULO III.....	13
4.1 AMONHEPYRUN XARA’U JEJAPO – REALIZANDO UM SONHO	13
4.2 TÍTULOS E FILMES	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o cinema Guarani é uma ferramenta importante para as comunidades contra a expulsão e exploração de terra, na luta pelo direito, reconhecimento e valorização do nosso modo de viver. A mídia, na maioria das vezes, nos projeta de forma estereotipada e romantizada. Porém, quando invertemos o ponto de vista da câmera e produzimos nosso próprio registro, transmitimos ao mundo nosso olhar. Deixamos de ser “caça”, e nos tornamos caçadores.

Nós, Guarani, resistimos e lutamos desde o ventre de nossa mãe. A sabedoria dos mais velhos, nossa fonte de conhecimento, nos fortalece para seguirmos adiante.

Dialogando em meio a fronteira de dois mundos (cidade e aldeia), apresento, no primeiro capítulo, os caminhos que percorri antes de iniciar meu trabalho com o cinema, o desafio de se (con)viver fora da aldeia, minha relação com o Tekoha¹ e com meus parentes Guarani.

No segundo capítulo, abordo minhas primeiras experiências ao longo desses dez anos de trabalho em produções e projetos cinematográficos, e a maneira como se concretizou meu processo de formação em cinema.

No terceiro capítulo apresento o processo de construção e desenvolvimento dos filmes que produzo, com enfoque nos primeiros longas que produzi : Karai Ha’egui Kunha Karai ‘Ete - *Os Verdadeiros Líderes Espirituais* (2013).

As questões apresentadas contribuem para ampliarmos a discussão e a relação da memória com as imagens e as narrativas produzidas através das filmagens.

¹ Tekoha é aldeia em Guarani.

Nesse processo de valorização da oralidade este trabalho tem como objetivo transformar minha memória em história, dando sentido as vozes que fazem parte de mim, e do meu *Nhandereko*².

2. CAPÍTULO I

2.1 PERCURSO DE VIDA

Minha trajetória de vida começou na aldeia Porto Lindo, município de Japorã, MS, onde morei até completar 18 anos. Quando tinha mais ou menos 2 anos de idade, meus pais se separaram e minha mãe foi morar em outra aldeia.

Eu e meus 5 irmãos passamos a viver com o nosso pai. Na maioria das vezes eu acompanhava o meu pai no roçado. Enquanto ele capinava, eu fazia armadilha de laço em volta do nosso roçado para pegar *inhambu*³. Gostava de acompanhar os meus irmãos na aldeia, e na escola para comer merenda no horário de recreio. Até que em um desses dias, uma professora não indígena da Funai me pegou pelo braço e me fez entrar na sala de aula, e sem eu entender nada o que estava acontecendo naquele momento, comecei a estudar na escola da aldeia.

Naquela época só havia um professor Guarani. Na maioria das vezes eram as professoras da FUNAI que davam aula. Na escola, eu gostava de copiar, mas eu não entendia nada. Eu não entendia bem o Português e as professoras da Funai não se esforçavam para entender o Guarani. Tinha que ser do jeito delas, ou você aprendia, ou não. Eu tinha medo da professora. Ela tinha uma régua de madeira, e batia nas crianças. Se não ficasse quieto apanhava com a régua na mão, ou na cabeça. Na maioria das vezes, eu ficava de castigo porque não escutava, na verdade eu não entendia nada.

² *Nhandereko* e o modo de viver Guarani

³ *Inhambu* é uma espécie da galinha do mato

Com 11 anos de idade, passei a estudar na quinta série em uma escola na zona rural, que ficava mais ou menos 8 km da aldeia. Da minha casa, tinha que caminhar mais ou menos 40 minutos para chegar até o ponto de ônibus, e eu estudava a noite, foi muito estranho. Saí da aldeia, e passei a conviver com os filhos dos fazendeiros.

Fui muito discriminado e tive que me acostumar com isso. Foi um choque, não conhecia ninguém. Os próprios professores discriminavam os alunos que vinham das aldeias. Eu sofria quieto, eu não sabia bem o português, e tinha medo de falar. O meu maior medo era de errar o português, por isso ficava calado, mesmo que eu não gostasse das coisas que diziam para mim.

Convivi com a pedagogia do silêncio por muito tempo. Apreendi com os castigos que a escola era espaço de silêncio, e de sofrimento. Me sentia prisioneiro do estudo. Até hoje não consigo entender esse processo de escolarização que aprisiona o aluno numa grade de currículo, com objetivo de “preparar” para o futuro, e não para viver o presente.

Preso nessa grade, fui alfabetizado em Português, mas era em Guaraní que eu sonhava, sonhava em poder trabalhar, e me libertar da escola.

Aos 14 anos parei de estudar, e comecei a cortar cana. Um trabalho duro, pesado, cada um trabalhando para tentar (sobre)viver. Um espaço de morte e violência, em contraste com a vida tranquila da aldeia. Meu pai queria que eu estudasse, mas eu queria ter dinheiro para mim. Trabalhei no canavial até completar 18 anos, e, em 2002, me mudei para aldeia *Tekoa Porã* (Boa Esperança), Espírito Santo.

No Espírito Santo, em 2003, fui escolhido pela comunidade para estudar no curso de formação de professores Guaraní da Região sul e Sudeste – *Kuaa Mbo’e*⁴, conhecer e Ensinar.

Terminei o curso em 2009, mas em 2005 fui contratado pela secretaria de Educação do município a pedido da comunidade para acompanhar as turmas de quarto e quinto ano na aldeia Três Palmeiras, em Aracruz, Espírito Santo.

⁴ Kuaa – Mbo’e, significa Conhece e Ensinar.

Em 2014, prestei o vestibular na aldeia Sapukai que fica no município de Angra Dos Reis (RJ), para cursar a Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na habilitação em matemática, na Universidade Federal de Minas Gerais. O curso me deu uma oportunidade de circular o conhecimento Guarani dentro da UFMG com os meus vários documentários produzidos em diferente aldeias guarani nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, para dialogar com os acadêmicos, pesquisadores e os professores, sobre o pensamento do filme Guarani no cinema. O Curso me ajudou a pensar sobre a imagem, a memória e as narrativas Guarani, para registrar a eterna memória do meu próprio povo, em todos os lugares onde há o povo Guarani.



(Figura 1- Reunião pedagógica aldeia Três Palmeiras, Aracruz, ES, 2006)

3. CAPÍTULO II

3.1 AJOJOU CINEMA REWE - ENCONTRO COM O CINEMA

Em 2008, uma equipe de cinema esteve em Aracruz com a proposta de produzir um filme junto com as comunidades Guarani do Espírito Santo, sobre a narrativa do surgimento da noite.



(Figura 2 - frame do filme Como a Noite Apareceu/direção Alexandre Perim, 2008)

O diretor do filme queria dar oportunidade para os indígenas atuarem no filme. Eu achava que essa oportunidade era impossível para mim, que eu não tinha chance nenhuma. Todos estavam fazendo o teste para o filme, todos queriam o papel principal, mas eu nem estava pensando nisso. No final de uma das minhas aulas, um aluno meu me disse para fazer o teste, que não custava nada tentar. Eu tentei, e consegui o papel principal.

Foi aí que eu comecei minha experiência com o cinema. Durante as gravações do filme, ficava curioso para ver como as pessoas filmavam e, quando não era a minha vez de

atuar, eu ficava prestando atenção para ver como se filmava. No final de cada cena, o diretor sempre mostrava para gente como tinha ficado a imagem, e eu gostava de ver as imagens na câmera. Foi à partir daí que eu comecei a gostar de cinema. Eu ficava imaginando como seria contar as histórias através da câmera, mas nunca imaginei que fosse ter uma oportunidade dessas um dia.

Em 2010, consegui uma bolsa de pesquisa CAPES, do Observatório de Educação Escolar Indígena da UFMG. Mudei para o Rio de Janeiro, e comecei a trabalhar no Programa de Estudos dos Povos Indígenas, dando aulas de Guarani, e acompanhando as aulas de educação indígena na faculdade de educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Iniciei a graduação no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Morava no alojamento da universidade com dois amigos Guarani. A graduação era diferenciada, e atendia aos alunos Guarani, Quilombolas, sem-teto, caiçaras e do MST. Convivi com os militantes dos movimentos sociais e, apesar das diferenças culturais, tínhamos uma luta em comum: O direito à Terra, e ao bem viver.

Todos que ali estavam tiveram que lutar muito para chegar até a universidade. Foi um desafio muito grande. porém, mais difícil do que chegar até a universidade, é permanecer nela. Não consegui conciliar meu trabalho com os estudos. Não tive apoio para continuar, desisti.

Em 2011, atuei e traduzi o filme Rouge Brasil, uma produção em parceria com empresas cinematográficas do Brasil, França e Canadá, sobre a expedição de Nicolas Durand de Villegaignon ao Brasil por volta de 1550. Os produtores do filme reuniu com todas as comunidades Guarani do Estado do Rio de Janeiro para realização do filme (eram quase dois mil figurantes). Foi uma mobilização fascinante. Todos queriam desempenhar bem o seu papel. Reencontrei muitos amigos. Mulheres, crianças, jovens e velhos, passaram cerca de 10 dias gravando fora da aldeia. Desse reencontro, conversei com as pessoas das aldeias, e pensamos nas narrativas Guarani que poderíamos filmar para fazer um filme da nossa própria história.

Em 2012, no Encontro de Tradições Indígenas, na Serra do Cipó (MG), reencontrei o xeramoin Alcindo Moreira, uma das lideranças mais velhas do povo Guarani.

Desse encontro veio a oportunidade de participar da oficina de edição e filmagem do Observatório de Educação Escolar Indígena. Nessa oficina realizei meu primeiro trabalho de edição, fazendo a montagem das filmagens do Encontro.

Após o evento, em reunião com a equipe do Observatório de Educação Escolar Indígena, conversei com a coordenação do projeto sobre a minha vontade de documentar a memória de vida de seu Alcindo. Entrei em contato por telefone com Geraldo, filho do seu Alcindo, e a comunidade aceitou a proposta.

4. CAPÍTULO III

4.1 AMONHEPYRUN XARA'U JEJAPO - REALIZANDO O SONHO

“O filme aparece como um processo, constitui uma experiência interminável[...]. Fazer um filme é como procurar uma pepita de ouro.”(Flaherty in Romaguerra,1980,p. 145)



(Figura 3 - Gravação do filme Os Verdadeiros Líderes Espirituais, guardando a imagem através da lente – still: Guilherme Cury,2013)

Em 2013, surgiu a oportunidade de realizar o sonho de produzir meu próprio filme. Seu Alcindo, hoje com 110 anos, sempre foi uma referência de infinita sabedoria, e foi um desafio muito grande documentar a vida dele, porque eu não tinha nenhuma experiência de como registrar, enquadrar, e nem tinha idéia de como poderia mostrar o conhecimento de vida dele através da câmera. De início fiquei assustado, me vi imerso em um mundo de imagens e narrativas, e não tinha ideia de onde começar.

Optei então por começar pelo silêncio. Escutar o que não me era dito, seguindo o tempo dos pássaros, me via eternizando o tempo, guardando vozes e silêncios, de encontro com a sabedoria das pessoas.

O Alberto veio de muito longe,
e ele não viu muito costume do modo viver por onde
passou.
Só aqui, ele conseguiu ver.
Por isso que temos que dar valor a seu filme,
só assim, os outros vão nos valorizar.
Ele fala bem a "língua dos brancos" e pode nos
ajudar...
(Trecho da fala Do Wera Tupã no filme Os
Verdadeiros Líderes Espirituais)

A câmera guarda as palavras, os sentimentos, e as memórias. As imagens não se renovam e não envelhecem, e a sabedoria registrada, guardada no filme, com o tempo não será esquecida.

A câmera é como se fosse um segundo olho, um segundo ouvido, ela não é apenas uma guardadora de imagem, ela é uma Guardiã da Memória. Através dela você vai ao encontro de sua história de vida, e a partir do momento que se filma, você também escuta, aprende, e revisita o passado, o presente, e até mesmo seu futuro.



(Figura 4 still: Filmagem no roçado do Xeramoin. Guilherme Cury, 2013)

Quando você filma o seu povo, fica mais fácil de direcionar as filmagens, você sabe de que ponto partir. Quando é outro povo, você fica meio perdido, não sabe até que ponto pode mostrar. Cada povo tem um sistema, uma regra de convivência e outra forma de ver o mundo onde vive. Porque o filme é igual a um cântico. Por exemplo, para você aprender a cantar em Guarani, tem que aprender a ouvir o som e o ritmo do canto. A mesma coisa com a câmera, você tem que aprender a guardar a sabedoria e tem usar o equipamento como se fosse o segundo olho, ouvido e respeitando o momento de cada entrevistador, assim aprendo com os mais velhos a cada momento na aldeia.

Quando fui na aldeia pela primeira vez com a câmera para filmar, não sabia o que eu ia filmar e como filmar, então o xeramoin via isso tudo em mim. Apesar de ele ser o meu principal personagem, tive o prazer de ser ensinado pelo xeramoin Alcindo de como filmar e enquadrar as imagens. O xeramoi passou a ser o meu professor de filmagem, me mostrando como eu poderia filmar ele e de qual lado deveria me posicionar com a câmera para filmar melhor. Fazia diferentes planos para a filmagem, sem eu ter noção de qual plano que estava usando para enquadrar as imagens. Aprendi a filmar praticando, usando a câmera enquanto estava na aldeia. Onde o xeramoin Alcindo ia, eu e câmera acompanhávamos ele em seus afazeres na aldeia.



(Figura 6 – Opy jere ra'anga ajopy jawe – Cena da reza de temascal – Fotografia Guilherme Cury)

O mais interessante é que o xeramoin arrumava muitas coisa para fazer, e parecia que ele fazia isso só para me ensinar a filmar. Ao caminharmos juntos, ele se sentia muito a vontade para contar suas histórias de vida, e mostrar sua sabedoria. Em 2012, filmei seu aniversário de 104 anos de vida, e tive mais consciência da responsabilidade que eu tinha, de registrar um pouco daquela imensa sabedoria.

E uma de nossas caminhadas para o roçado, estava filmando contra luz e o xeramoin me falou que se eu continuasse filmando assim, a luz do Sol na lente ia queimar a camera. Naquele dia pensei melhor sobre o lugar da imagem, e do enquadramento que deveria fazer. Percebi que deveria estar mais atento com relação a questão da luz. Foi então que eu comecei a perceber que meu sonho de produzir um filme estava se tornando realidade.

Fiquei muito feliz, e honrado em homenagear o xeramoin Alcindo no meu primeiro filme. Foi ele quem me ensinou a caminhar com a câmera. Cada imagem que fiz com o

*xeramoin*⁵ ficou marcada para mim, cada enquadramento de plano que ele me ensinou para filmar. Xeramoin sempre brincava comigo dizendo: não tenha medo desse equipamento, faz de conta que isso é uma câmera de brinquedo e você está aprendendo a capturar um vento vazio ai dentro.

Depois da palavra do xeramoin Alcindo, passei a usar a câmera como se fosse um *petyngua*⁶, para me conectar com espiritualmente com a sabedoria do silêncio. Passei a usar minha imaginação no mundo da lente, sem ter o medo de quebrar o equipamento. O equipamento tem preço, podemos consertar. A memória tem valor maior, inestimável. Não tem preço. E quando ela se perde, é difícil trazê-la de volta.



(Figura 7 - *ka'aguy nhe'en amoin porã awã filme py* – pegando a fala da mata para colocar no filme - Fotografia: Guilherme Cury, ano 2013)

A *xejaryi*⁷ dona Rosa é a esposa do *xeramoi* Alcindo *Wera Tupã*, ela é uma das mais velhas da aldeia. Ela é uma das senhoras que observa muito em sua volta com o seu olhar atento de sabedoria e sempre dando conselhos aos seus netos em todos momentos a quem passa pela sua casa para conversar com ela, em língua Guarani. Em 2012 ela estava com 97 anos de idade, e fez parte também do filme, *Karai Ha'egui Kunha Karai 'Ete- Os Verdadeiros Líderes Espirituais*.

⁵ *Xeramoin*, (vô) é mais velhos da aldeia.

⁶ *Petyngua*, é cachimbo.

⁷ *Xejaryi*, (vó) é mais velhas da aldeia.

A *xejaryi* foi diferente do *xeramoin* Alcindo. Com ela encontrei algumas dificuldades para filmar o seu dia a dia na aldeia.

A primeira vez que falei com ela que eu queria filmá-la, *xejaryi* não me respondeu nada, apenas sorriu para mim e com isso entendi que ela não queria ser filmada em nenhum momento. A sabedoria de dona Rosa complementava a sabedoria do *xeramoin*, e isso era essencial para que o filme fizesse sentido.

Decidi então mudar minha estratégia de conquistar. Deixei a câmera de lado e comecei a acompanhar ela de mãos vazias. Levantava bem cedo para tomar chimarrão com ela. Eu mesmo fazia o mate para ela tomar e ajudava a ela em seus afazeres na aldeia. Aos poucos percebi que estava conquistando a confiança dela para que pudesse filmar.



(Figura 8 - Frame do filme *Os Verdadeiros Líderes Espirituais*, *xejaryi* no roçado de *Awaxi*)

Em um desses trabalhos fui acompanhar a *Xejaryi* dona Rosa e a filha dela no roçado de *awaxi*⁸. Aproveitei para levar a câmera comigo para tentar filmar, mas mesmo

⁸ *Awaxi*, é milho verdadeiro.

assim ela não falou muito comigo quando eu liguei a câmera na frente dela para tentar entrevistar sobre o milho Guarani.

No momento que eu estava perguntando a ela sobre o tempo de milho, ela meio, que fingiu que estava olhando para outro lado. Respeitei o momento do silêncio dela, e já tinha imaginado que ela não ia querer falar de novo na frente da câmera. Mas, para minha surpresa, de repente, depois de tanto tempo parado observando, ela se virou e falou comigo sobre o milho.

Então, à partir daí ela começou a falar comigo na frente da câmera. Falou sobre a importância da plantação de fumo na aldeia, e me mostrou como se fazia o fumo de rolo para ser usado na casa de reza para fazer a cura através do petyngua.

No início, aqui, tivemos dificuldade com o fumo,
catávamos bituca de cigarro no ponto de ônibus.
Passávamos muitas dificuldades,
quando um dia desses caiu um relâmpago
e começou a nascer muito fumo.
Acho que fiz dezoitos fardos,
fardos grandes.
Até hoje não falta mais fumo,
para eu mascar...
(Trecho da conversa do filme Os Verdadeiros
Líderes Espirituais, Wera Tupã, Poty Ja e Alberto)

Dona Rosa me ensinou com seu silêncio a importância de se respeitar o tempo e o espaço de cada imagem, e que nem sempre o aprendizado acontece através da palavra. Acontece também através do silêncio e da observação.

4.2 TÍTULOS E OS FILMES

*Apy ma amombe'u ta ndevy pe xeramymino mba'exa
pa, ko ndepopy rereko va'e reiporu rã, remoin porã
awã nhande reko regua ha'egui tape porã rupi
meme reraa awã tembiapo rejapo wa'e rexauka awa*

nhande reko regua amboae kuery pe”. (Aqui vou te contar meu neto, como devem utilizar o equipamento que está na tua mão e como devem guardar o nosso conhecimento dentro dela.)

Antes de começar as filmagens, procuro sempre apresentar para comunidade a proposta que pretendo desenvolver. Inicialmente penso no título, no que pretendo buscar com meu olhar, porque se você não souber o que você procura, nunca saberá o que quer encontrar. Cada título puxa um assunto para enriquecer o filme.

Aprendi isso com a minha primeira experiência de filmagem nos *Verdadeiros Líderes Espirituais* (2013), o título veio depois que eu editei o filme. Eu queria contar a história de vida do seu Alcindo mas não tinha experiência de como filmar, de como enquadrar, em que plano colocar. Filmei muitas coisas que na hora de editar não usei.

Claro que tudo é um saber, mas a gente tem que pensar de acordo com o entendimento do que se quer repassar. O trabalho de edição é como a construção de uma casa, a casa: primeiro você levanta, depois coloca a telha, o acabamento. Assim é o filme, depois que você faz a filmagem tem que recortar, montar, traduzir e legendar, para depois exportar e o filme ficar pronto.

O filme você vai costurando de acordo com o tempo da narrativa, por isso que o título é um importante guia. As vezes o que você filma no final, vai no começo, daí você tem que ir esquematizando. Se você já tem o título não se perde.



(Figura 5 – Título do filme, still: Guilherme Cury, 2013)

Procuro sempre mostrar a importância do registro, da valorização dos personagens, do espaço, para que a comunidade se identifique com o trabalho. A câmera ajuda muito, principalmente na questão dos velhos. Às vezes eles ficam esquecidos dentro da aldeia. Mas quando você pega a câmera e filma, você mostra para comunidade, para o mundo, e para pessoa que esta sendo filmada, que ela tem o seu valor.



(Figura 12 – Oficina de vídeo, Aldeia *ka'aguy owy porã*, Clarissa Nachery, arquivo pessoal, 2016)

Sempre falo para as comunidades onde realizo filme que eu não sou diretor do filme, porque para realizar um documentário na aldeia não depende só da comunidade, ou dos mais velhos. Depende do tempo, da chuva, do vento, do sol e da lua. O filme é de todos, e para todos.

Por isso que o cinema Guarani quando se faz deve respeitar o tempo da cada personagem que vai ser gravado. O cinema guarani é diferente do cinema não indígena. Percebo que, em muita das vezes, os trabalhos realizados por não indígenas não respeitam o tempo dos mais velhos. Chegam na aldeia, querem filmar tudo, e no final acabam filmando nada.

Isso deixa os mais velhos desconfiados, eles observam e entendem que os *jurua*⁹ são prisioneiros da teoria, e dos pensamentos. Em certas ocasiões, os mais velhos sentem-se pressionados a dar entrevistas, e acabam falando “qualquer coisa” para agradar os

entrevistadores, deixarem eles livres de dar entrevistas. Para os mais velhos, não é suficiente falar da sabedoria, dos conhecimentos tradicionais, é preciso viver, acompanhar e observar essa sabedoria, para entender um pouco da dimensão do *Nhandereko*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, Guarani, são os nossos avós que fortalecem a nossa sabedoria e a nossa memória, desde antigamente até hoje.

Para não esquecer a nossa verdadeira sabedoria.

Por isso, ainda não esquecemos o modo de se viver e guardamos o modo de ser Guarani.

Só assim, enxergamos o passado, vivemos o presente e olhamos adiante.

(Narração do filme *Os verdadeiros Líderes Espirituais*, 2013 – Alberto Alvares)

Os documentários que venho produzindo me fazem circular por diversas mostras e festivais de cinema em várias regiões do Brasil, o que me permite conhecer um pouco do olhar dos cineastas indígenas de diferentes etnias, compartilhando saberes, e lutando por mais respeito, e espaço na sociedade não indígena.

A memória se recupera, se conserva e se cultiva na palavra dos velhos, como semente de milho do *awaxi 'ete'i* (milho verdadeiro).

Para nós, Guarani, as pessoas mais idosas são as que detêm os saberes tradicionais. Entretanto, esses saberes estão se diluindo entre as novas gerações, e se apagando com o falecimento dos homens e mulheres centenários de nossas aldeias.

⁹ *Jurua*, na língua guarani é homem branco.

Esse trabalho serve para (re)afirmar o papel do cinema como ferramenta de trabalho pedagógico e como forma de perpetuar memórias. O registro das memórias e narrativas, surge como um chamado, uma proposta de cinema urgente, a ser realizada por nós guaranis. Tanto na intenção de contribuir internamente para nosso povo, propiciando a continuidade e transmissão de conhecimentos as novas gerações, quanto externamente buscando da sociedade envolvente uma aproximação e respeito ao nosso *Nhandereko*.

6. REFERÊNCIAS

RIBEIRO, José da Silva. Notas para um debate em antropologia visual. Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura, ano 3/4, n. 3/4, 2003/2004, p. 45-67

ALVARES, Alberto. Direção, filmagem, edição e tradução do filme Guardiões da Memória. Projeto financiado pelo Inventar com a Diferença do Direitos Humanos, RJ. 2018

ALVARES, Alberto Direção e filmagem de Documentário curta – metragem na aldeia Ko'en Ju 5:00 minutos, para uma exposição em São Miguel da Missões. Projeto financiado pelo IPHAN, RS. 2018

ALVARES, Aberto. Direção e edição do um filme ficção, curta. Lágrima do Diamante, 13:00 minutos. Projeto Inventar com a Diferença, RJ. 2017

ALVARES, Alberto. Direção, filmagem, edição e tradução de documentário – A Dança Sagrada 15:00 minutos. Financiado pelo Museu da Arte do Rio de Janeiro. 2017

ALVARES, Alberto. Direção, filmagem, edição e tradução de documentário – Tembiapo Regua (Sobre o Artesanato) 15:00 minutos. Financiado pelo Museu da Arte do Rio de Janeiro. 2017

ALVARES, Alberto. Yvy Ayvu -Vozes da Terra 10:00 minutos. Paranhos, MS. 2016

ALVARES, Aberto. Direção, filmagem, edição e tradução de documentário - Caminho do Tempo. Projeto financiado Pelo Saberes Indígena na Escola/MEC, RJ. 2015

ALVARES, Alberto. Direção, filmagem e edição de documentário, Um Pé na Aldeia e Outro no Mundo, 10:00 minutos. Aldeia Muamimaxin/MG. 2016

ALVARES, Alberto. Direção, edição e tradução de documentário experimental- Além do Olhar 10:00 minutos. Projeto financiado pela Quinta no Quintal, ES. 2016

ALVARES, Alberto. Direção, Filmagem e edição do documentário, Tekowe Nhenpyrun – A Origem da Alma, 49:00 minutos. PR - Projeto financiado pelo SIE-Saberes Indígenas na Escola, CAPES e OEEI - Observatório da Educação Escolar Indígena – FAE/ UFMG. 2015

ALVARES, Alberto. Direção, Ywy Jahe'o – O choro da Terra. Produção e edição. Documentário. curta –metragem 5:00 minutos. PR - Projeto financiado pelo SIE-Saberes Indígenas na Escola, CAPES e OEEI - Observatório da Educação Escolar Indígena – FAE/ UFMG. 2015

ALVARES, Alberto. Direção, filmagem e edição de documentário, A Procura de Aratu, 10 minutos. Aldeia Barra Velha e Bugigão/BA. 2015

ALVARES, Alberto. Direção, Filmagem e edição do documentário Karai ha'egui Kunhã Karai 'ete 1:07:22 minutos - Projeto financiado pela CAPES - OEEI_Observatório da Educação Escolar Indígena – FAE/ UFMG. 2013

ALVARES, Alberto. Direção, filmagem e edição do curta, Arandu Nhembo'e – Em Busca do Saber, 18:00 minutos. Biguaçu/ SC. Projeto financiado pela CAPES - OEEI_Observatório da Educação Escolar Indígena – FAE/ UFMG. 2013

